



Poemas ao Pôr do Sol

Vol. VII

ADEMIR PASCALE – ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

**Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura**

ISBN: 978-65-01-43984-6

2025

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- ENTARDECER DA SAUDADE, POR ACARLOS MISAWA, PÁG. 05
RASTROS DO ENTARDECER, POR ACARLOS MISAWA, PÁG. 07
O FAROL GUARDIÃO, POR ADRIANA COSTA REIS, PÁG. 09
TARDEZINHA, POR FERNANDA SANTORO, PÁG. 13
ALMA, AMIGA AO PÔR DO SOL, POR IZZY, PÁG. 15
BRUTAL, CINEMATOGRAFICO E URBANA, POR LAURA BRANCO SANTOS, PÁG. 19
MINHA LÍNGUA PREFERIDA, POR MEIRE MORAES, PÁG. 23
DOCE PARTIDA, POR PAULO JOSÉ DE TARSO GOMES FERNANDES, PÁG. 25
AREIA DOURADA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 27
BRISA QUE CONFORTA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 29
DOÇURA NO AR, POR SELMA LUANNY, PÁG. 31
VOAR, POR SELMA LUANNY, PÁG. 33
SONETO DO PÃO FRANCÊS, POR TAMARA MACHADO COQUEIRO, PÁG. 35
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 37



Poemas ao Pôr do Sol

Vol. VII

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

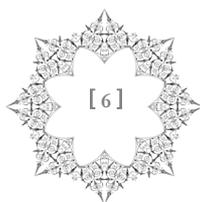
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Entardecer da Saudade

Por ACarlos Misawa

Autor dos livros de autoajuda: "Mentes do Sucesso" 2023-24 e "Ação & Reação" 2024; Comenda Literária "Pablo Neruda" Ed Mágico de Oz Chile 2025; Prêmio Melhores do Ano Editora Letras Virtuais 2024; Prêmio 100 Melhores Poetas-Escritores da Língua Portuguesa Brasil-Portugal Paraty 2024; Destaque Literário Award Ceremony Lisboa-Portugal 2024; Participação da Expo Poema Cairo-Egito 2025; Participação Antologia Machado de Assis Rio de Janeiro 2024; Participação Tales and Legend form Brasil (Contos & Lendas) Madri-Espanha 2025; Participação Antologia Dante Alighieri Firense-Italia 2025; Participações em várias Antologias Poéticas e Concursos Literários 2023-24; Graduado em Odontologia e Administração.

O sol se deitava, tingindo de ouro
as ruas cobertas de ipês em flor.
O vento dançava entre risos e sonhos,
e ali, num violão dedilhado ao acaso,
o amor nascia sem pressa, sem dor.
No toque das mãos, um céu incendiava,
nos olhos, promessas sem hesitação.
O pôr do sol bordava silêncios,
onde cada palavra não dita
era verso em brasa no coração.
As tardes morriam em abraços quentes,
o amor era rio de águas sem fim.
Beijos roubados tinham gosto de sol,
e o perfume dela, leve e eterno,
se aninhava no tempo, dentro de mim.
Mas o destino, caprichoso e surdo,
nos fez partir sem olhar pra trás.
O sol que outrora brilhou tão forte
se pôs num adeus entre lágrimas
de um tempo que nunca se desfaz.
Hoje, no céu de tons cor de fogo,
encontro vestígios do que fomos nós.
Na luz que morre, há um eco suave,
um amor que vive na eternidade
e nunca se perde na sombra da voz.



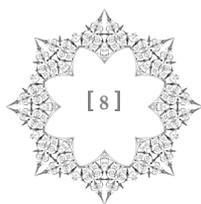
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Rastros do Entardecer

Por ACarlos Misawa

Autor dos livros de autoajuda: "Mentes do Sucesso" 2023-24 e "Ação & Reação" 2024; Comenda Literária "Pablo Neruda" Ed Mágico de Oz Chile 2025; Prêmio Melhores do Ano Editora Letras Virtuais 2024; Prêmio 100 Melhores Poetas-Escritores da Língua Portuguesa Brasil-Portugal Paraty 2024; Destaque Literário Award Ceremony Lisboa-Portugal 2024; Participação da Expo Poema Cairo-Egito 2025; Participação Antologia Machado de Assis Rio de Janeiro 2024; Participação Tales and Legend form Brasil (Contos & Lendas) Madri-Espanha 2025; Participação Antologia Dante Alighieri Firense-Italia 2025; Participações em várias Antologias Poéticas e Concursos Literários 2023-24; Graduado em Odontologia e Administração.

A cada poente, um adeus dourado,
o sol se apaga, mas deixa recado.
No céu em brasa, um rastro fulgente,
tempo que passa, mas segue presente.
As sombras dançam no chão ressequido,
são marcas de um dia que já foi vivido.
Cada cor no horizonte é história calada,
luz que repousa em estrada dourada.
Se a noite se estende e o medo se lança,
o crepúsculo abraça quem ainda esperança.
No fogo tardio, renasce um fulgor,
um passo, um instante, um novo calor.
As vitórias se pintam em tons crepusculares,
nos olhos que veem, nos gestos singulares.
O céu em chamas, silencioso e imenso,
é tempo que abraça, um instante suspenso.
E assim seguimos, em fogo e brisa,
no adeus do dia, na paz indecisa.
O sol se curva, mas deixa no chão,
a promessa eterna de um novo clarão.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O Farol Guardião

Por Adriana Costa Reis

Adriana Costa Reis é Doutora em Psicologia Clínica, Psicanalista, Teóloga e Antologista. Com enorme gosto pela literatura, dedica-se à leitura, à escrita e à organização de coletâneas, oferecendo oportunidades de publicação a novos escritores. Através desse trabalho, promove a literatura como uma valiosa forma de expressão artística e cultural, incentivando o surgimento de novas vozes no cenário literário. Sua trajetória literária é marcada por sua expertise acadêmica, que se entrelaça harmoniosamente com a arte de escrever.



Lá, bem alto no rochedo frio
Erguia-se um farol guardião.
Seu feixe atravessava o sombrio
Guiava os barcos na escuridão.

Diziam que sua luz sagrada
Arredava do mar todo o mal,
Que a névoa espessa e misteriosa
Receava o clarão triunfal.

Os marinheiros em prece vinham
Saudar sua luz a resplandecer,
Pois, quando as trevas no mar se erguiam,
A luz sabia como os proteger.

Mas, numa noite de tempestade,
O vento uivou tal qual a morte.
As ondas chiaram com maldade,
Trazendo-lhes um presságio forte.

No topo, um velho vigia
Mantinha a chama a brilhar,
Mas algo estranho espreitava
Entre as sombras a rondar.

A lâmpada ardia serena,
Mesmo quando o céu rugiu.
Mas o vigia, numa cena,
De repente, se extinguiu.

Um grito no vento ecoou,
E o velho nunca mais voltou.

Seu posto vazio restou,
E ninguém sabe o que o levou.

A vila, em pavor, compreendeu:
O farol via tudo lá do alto.
Se o guardião jamais mereceu,
Tragado foi pelo próprio palco.

Pois a luz investiga a alma,
Só brilha em quem é leal.
Mas se houver nela mortalha,
O farol dissipa o mal.

Sem o faroleiro, o farol se perdeu,
Sem olhos atentos a lhe conduzir,
E a noite escura, sua luz dissolveu,
No mais, eterno passo a se corromper.

Os barcos sem rumo seguiam,
As sombras inundaram o cais
E as ondas nem mais temiam.
Os portos ficavam para trás.

O farol não brilha entre as trevas,
Nem perdoa aquele de alma vil.
Se o vigia afundou em densa névoa,
A luz não atravessa o seu funil.

Mas a chama sagrada não deve ir.
Sempre alguém ficará para lutar.
Quando um faroleiro não persistir,
Outro, precisa seu posto ocupar.

A vila conhece a sina,
E teme a hora de escolher
Quem subirá a colina,
Sem jamais poder descer.

Os sete mares conhecem a história,
Que o tempo levou, mas nunca apagou.
Ecoa nos ventos, rastro em memória,
Nas águas de sal que o mar sussurrou.

Se alguém duvidar, que jamais se aventure,
Melhor ninguém ousar tentar desvendar.
Pois dizem que as águas cobram sem júri
E nunca permitem a alguém retornar.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

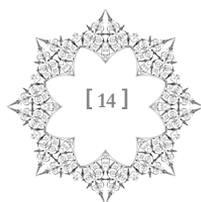
Tardezinha

Por Fernanda Santoro

Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília (UnB). Servidora pública no campo de políticas públicas, com atuação na área de gestão de pessoas, saúde e qualidade de vida. Cirurgiã-Dentista de formação. Escritora e poeta, com diversos poemas já selecionados em concursos e seleções literárias. Estudiosa dos campos de saúde, bem-estar, felicidade e equinos.



Há que se reconhecer esta beleza
Das últimas horas do pôr-do-sol
Com um véu de vibrante latência
Delicado tecido de justaposições
Em paleta de cobre, ocre e siena
E deleitoso dégradé de emoções

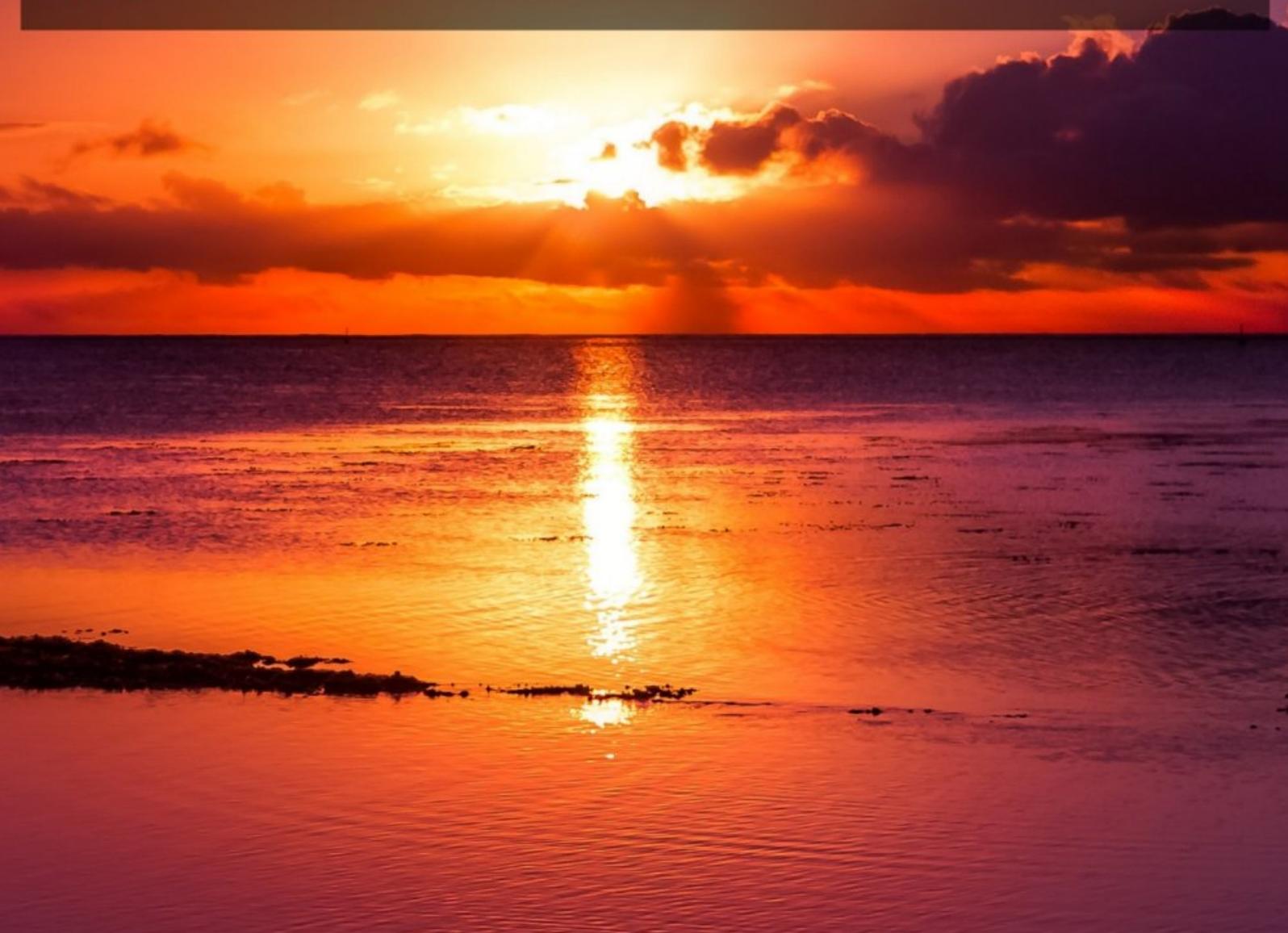


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Alma, Amiga ao Pôr do Sol

Por Izzy

Apesar das dificuldades do passado, Isabelle Leandro se dedica a curar-se a cada dia. Seja através do tempo que passa com seus gatos, Billy e Akira, das sessões de terapia ou da escrita, ela busca formas de entender e expressar seus sentimentos. Atualmente, trabalha em um escritório de Gestão de Ponto de Venda, em busca de estabilidade, enquanto continua sua jornada de autodescoberta e cura.



*o fenômeno ocorre todos os dias,
entre o Círculo Polar Ártico e o Círculo Polar Antártico.
O horizonte se fecha em chamas,
o céu se veste de cores e tramas [...].*

nunca será tarde para perceber isso, mas,
o pôr do sol sempre foi o meu melhor amigo.

*O único que não me abandonou,
o único que sempre ficou e me restou.*

naquela época, nos constantes barulhos do pátio,
com as vozes se espalhando ao redor,
ele e eu nos entendíamos em silêncio.

Em cada entardecer, compartilhamos dores e esperanças,
e ele, sempre presente,
me observava com a mesma *calma*,
aquela que um amigo fiel oferece, sem julgamentos.

também, em dias em que o mundo parecia ter se fechado,
e eu, perdida no vazio das minhas próprias dúvidas,
tinha ele lá, quieto,
acolhendo-me com sua luz dourada,
como se soubesse de tudo o que eu não dizia.

agora, confesso que mal o vejo.
Não consigo mais me lamentar para ele,
mas sei que estou sendo observada,
de alguma forma, *talvez cuidada*.
Porque, na solidão que enfrento hoje,
na ansiedade e na anedonia que me sufocam,
não são aqueles da escola que me escutam de coração aberto,

não é o meu ex que, como alguém muito calmo,
se esforçava ao máximo para me trazer tranquilidade,
e não é uma antiga paixão,
cujo, *em minha visão, vive em ervilhas com um cara*
que, mesmo ao me escutar, me dá paz.

Não são esses que notam minhas dores,
minhas falhas e cicatrizes,
e não são eles que me vêm desabar,
chorar desesperadamente com o coração acelerado,
sem saber o que pensar, o que fazer.

Só o que **permanece**, só o que **ainda vê tudo**,
é o **meu amigo, o pôr do sol**.

A última amizade verdadeira,
o único que não me abandonou,
o único que nunca se foi e aquele que me restou.

às vezes, para ele, me pergunto inconscientemente:
é por conta da minha incapacidade de tomar decisões corretas,
ou por que sou boa em deixar que pisem em mim?

E ele não me responde, *claro*.

Mas continua ali, quieto,
acolhendo-me com sua luz dourada,
como se soubesse de tudo o que eu não dizia.

E agora, mesmo estando no escuro,
sem instruções e sem ver a saída,

para aquilo que chamam de vida adulta,

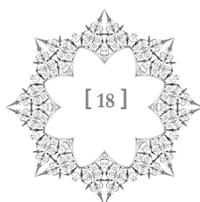
nele, eu espero ver uma esperança nascer,

porque o pôr do sol não é o fim,

é apenas o recomeço, uma pequena escuridão que anuncia a luz.

Na quietude, há um novo processo,
onde a esperança se renova e a alma reluz.

*eu queria ser como o meu amigo,
um quadro pintado com tons de paixão,
onde o céu se veste de cores a brilhar,
como um sonho que se dissolve na imensidão,
deixando as estrelas a espreitar.*



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Brutal, cinematográfica e urbana

Por Laura Branco Santos

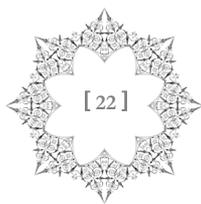
Historiadora e professora pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Mocho Preto (Laura) é apaixonada por símbolos, poesia e política. Escreve seus textos entre os gêneros drama/terror, sendo estes marcados pelo seu longo quadro de depressão, sentimentos de não-pertencimento, dissociação e agonia. Possui como principais inspirações para seus textos: Hilda Hilst, Carlos Drummond de Andrade, Louise Glück, Ocean Vuong e as obras da cantora Halsey (musicais, escritas ou pintadas), da qual é fã há 10 anos e se possui enorme identificação.



se o rio de janeiro é indecifrável, o rio sou eu
correndo entre as esquinas
despencando por essas brechas
mas se eu nunca exalto o passado
se nunca procuro abrigo
o que há de errado comigo?
o aterro do flamengo ainda é o mesmo
eu desço as escadas na lapa
perco horas na avenida brasil
estou condensada nas ruas de campo grande
estou condensada nas ruas de campo grande
imersa na vivacidade das cores
o que há de errado comigo?
se o rio é catastrófico, o rio sou eu
explicitamente escrita nos muros urbanos
música aleatória dos desconhecidos que se cumprimentam
dos desconhecidos que viram amigos
eu nunca estaria em outros céus
o cheiro daqui não me larga
as imagens me pedem pra nunca sair
os prédios do centro me engolem
me assopram como fazem nas artes
minha caligrafia brutal, cinematográfica e urbana
eu paro na feira e bebo caldo
eu como na rua e vejo guaravitas
em toda geladeira que passo
o que há de errado comigo?
se o rio é agonia, o rio sou eu
nas filas esperando atenção
no calor dos ônibus fechados
todos sozinhos
se eu tento o que não consigo

quando brincam que "sempre tentar"
é uma qualidade, não um vício
mas estamos cansados de ser insistentes
espero que um dia possamos organizar
porque o cheiro do rio de janeiro
é o cheiro da vida, o cheiro da morte
o cheiro do dia, da noite sozinha
ou duma reunião no bar
o trânsito cheio, carros parados
respiro fumaça urbana, mas ainda estou aqui
caminho na praia sozinha e ainda estou aqui
visito os museus e me aguço
eu continuo aqui
me enxergando numa metrópole fatal
com sotaque marcado, e os olhos nos olhos
a mania de xingamentos altos
quando param uma escada rolante
quando cortam a luz dos lugares
quando vemos o preço de algo
ou quando encontramos alguém que amamos
quando podemos ser felizes e juntamos
todo mundo em algum domingo de sol
da forma mais carioca que existe
(você nunca entenderia)
porque se o rio é magia, o rio sou eu
misturada no rosto e no medo
misturada nos corpos, e o segredo
de ser quem nós somos
eu só sei porque nasci aqui
profundamente imersa nas catedrais
dissolvendo no cimento das avenidas
no sol ou na chuva, eu só sei rio de janeiro
na avenida ou nas curvas

uma identificação contigo
não há nada de errado comigo
eu só sei rio de janeiro.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Minha Língua Preferida

Por Meire Moraes

Meire Moraes é apaixonada por palavras. Amante da poesia, busca e transforma sentimentos em versos que toca a alma. Desde cedo, desenvolveu o prazer pela literatura, inspirando-se em histórias e experiências do cotidiano. Escrever é mais do que um hobby, é uma necessidade, um caminho para a liberdade.

Amo-te língua em todos os tempos verbais,
Amo-te na voz passiva, ativa e reflexiva,
Nas linhas e entrelinhas de orações e conjunções;

Amo-te nos encontros secretos de Romeu e Julieta,
Amo-te no bailar dos sinônimos e antônimos,
Nas rimas dançantes e estrofes marcantes;

Amo-te na fluidez das águas de março e nos romances de Jorge Amado,
Amo-te nas fascinantes variações linguísticas de cada região,
Amo-te nas estórias em quadrinhos que marcaram gerações;

Amo-te no pedaço de papel a literatura de cordel,
Amo-te língua atrevida, na rebeldia dos vícios e palavrões,
Amo-te no sujeito oculto e indeterminado das orações;

Amo-te nas divertidas marchinhas de carnavais,
Amo-te nas simetrias das regras das classes gramaticais,
Amo-te, sem medo de dizer: - Crase, quero muito te entender;

Amo-te nos personagens encantados dos contos de Lobato,
Amo-te nas lições aprendidas no livro da vida,
Nas cartas guardadas jamais esquecidas;

Amo-te no passatempo que não passou e na revista capricho que me marcou,
Amo-te, de A a Z, sem reticências em dizer: - Realeza, tu eis minha língua portuguesa.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Doce partida

Por Paulo José de Tarso Gomes Fernandes

Nascido em Ponta Grossa, é casado, pai de duas crianças, oficial da reserva do exército brasileiro, formado em marketing e propaganda pela Uninter. E desde 2008 é produtor rural no interior do Paraná. Consumidor assíduo de filmes, livros e revistas. Escritor novato .



Já não posso mais olhar o fim do dia,
Já não sei mais as coisas que sabia.
Sou só uma alma que vaga com esperança,
Buscando um lugar em suas andanças.

Então ouço vozes dissonantes,
Que o vento espalha errantes.
E o dia se esvai, e o tempo se esconde,
Dissolve-se o sol no horizonte.

Na linha dourada, a capitular,
Vejo o além que me vem paralisar.

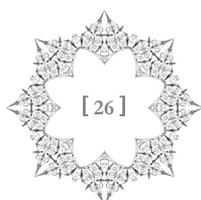
Por um segundo, quero estar certo,
E penso: é o bastante para o meu ser.
Contemplo o pôr do sol a descoberto,
E vejo que o nada é o tudo — e isso é poder.

O dia se apaga em tons delicados,
Lançando sombras em campos calados.
A brisa murmura segredos perdidos,
Levando consigo amores antigos.

Vejo estrelas surgindo, tão tímidas e lentas,
Enquanto a noite, serena, bruxuleia e me tenta.

E no traço dourado, que em vão tenta ficar,
Vejo o dia partir, sem nada explicar.

Só por um instante, desejo reter
Em minha mente o último raio solar antes de escurecer.
Mas, no fim do dia, vem a lição:
Nada dura, tudo tem seu tempo, e nada é em vão.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

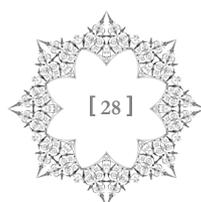
Areia dourada

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



De dourado recobri os meus pés...
Recebi o calor e a luz dos raios solares
que aqueles grãos de areia,
como pó de ouro, de volta aos céus refletiam.
Naquele ponto aspirei pura maresia...
admirei o altivo e resplandecente firmamento
e as profundas e aniladas águas.
Em convidativa ondulação,
um imensurável oceano à minha frente.
Naquelas douradas areias
que os meus pés faziam resplandecer,
o meu corpo desfadigou...
a minha delirante mente brincou de sonhar...
e o azul do céu uma vez mais, sinergia.

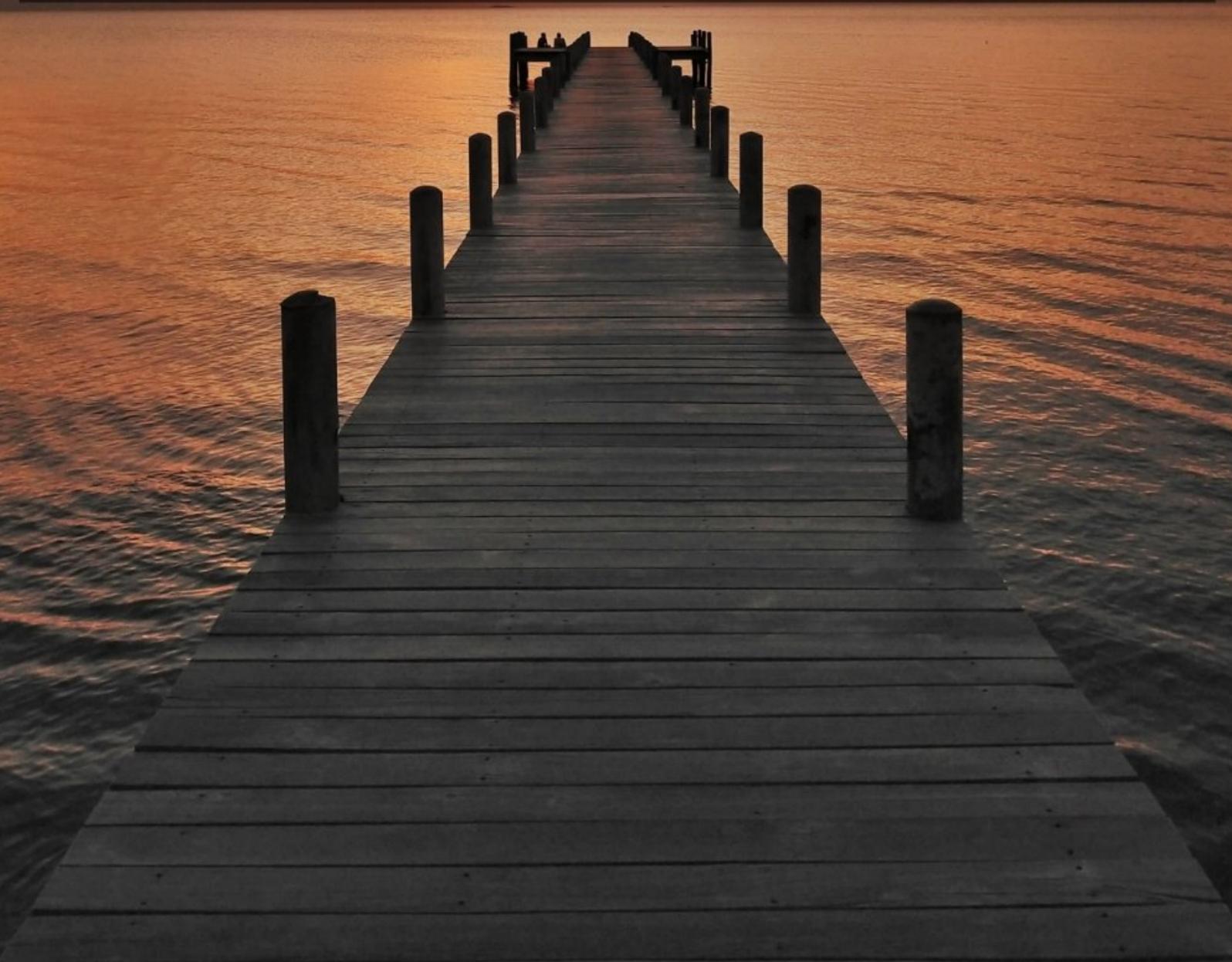


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Brisa que conforta

Por Sellma Luanny

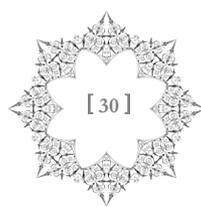
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Refrescando o hoje,
bonançosos suaves
a se perfazerem em brisa...
A certificar a continuidade
dos tempos sem relógios
doce aragem que conforta.

A impermanência da vida...
suavizada.
A intolerância dos homens...
ignorada.
A imperfeição de si próprio...
velada.

O vagar da mente,
liberado...
Sem atropelos...
sem algemas...
sem destinos...
a transparência dos ares
a permitir desatinos.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Doçura no ar

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

As flores... mais regulares...
E atestando a sua assiduidade,
na multitude de cores e odores,
perfume além dos jardins se estendendo.
Os pássaros... barulhentos como sempre...
dos seus retiros invernais, retornando.

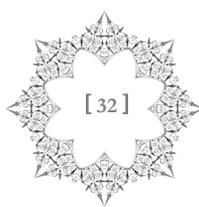
E do nada – pareceu -, no espaço
à minha volta, uma borboleta...
a chamar-me pela visão...
sem imaginar que na sua fragilidade
e naquele momento, mais beleza
que muitos de nós, concentrava.
Bailava sem qualquer peso...
e a mim, a primeira da estação.

Nos seus processos de formação
da larva restrita num casulo
àquela magnífica transformação...
era leveza a suplantar desafios.

E o seguir no seu destino
de tão pouco tempo
para tão surpreendente vida!...
E ao mundo gratuita doçura ofertar.

E aquele que com a contemplação
de tal ser, é presenteado...
deslumbre e calafrios certamente,
o atingem.

Era a primavera a se anunciar.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Voar

Por Sellma Luanny

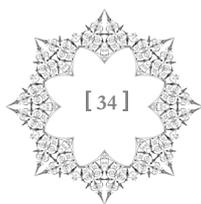
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Quando o dourado do sol
o escuro e as retardatárias estrelas,
camufla...
no limiar da aurora levantam voo
e navegam no brilho dos raios matinais.
E a amplitude das asas
na pura e total liberdade
no poder de voar
da deslumbrante dinâmica,
dimensões conquista.
E o limite?... circunavegar o globo
e imensas alturas, alcançar.

Um patamar para nós humanos,
de deuses e sonhos... Inalcançável!

Mas vós, alados... voai! Voai!
E que na graça e na leveza
sem par da vossa natureza,
acima de nós, o que é vosso,
celebrai...
a magnitude do vasto azul
neste céu, que mais celeste é
para aqueles que nasceram
para o dominar.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Soneto do pão francês

Por Tamara Machado Coqueiro

Escritora de contos e poemas com obras publicadas, isto é, três contos publicados por diferentes editoras. Em busca de divulgar a arte da escrita através do soneto.

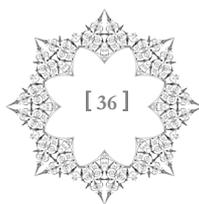


Esse é um dos alimentos mais queridos.
Todas as manhãs, presente na mesa,
Sim, do senhor e da senhora, ora, ora!
Psiu, vamos nos reunir aqui, agora.

Chega de fazer mistério aqui e lá,
Se preparem, pois, irei revelar.
O grande segredo que descobrir.
Não, não imaginam o que estar por vir!

Ele leva o nome de outro País,
Um pouco antigo, do século vinte.
Sempre tão amado pelos brasileiros.

É aquele nosso amigo, o pão francês.
Porque hoje é sexta, vinte e um de março,
Dia do pão do Brasil, que delícia!



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: [CLIQUE AQUI](#)